Ano 29.° Sábado, 3 de Outubro de 1936 N.° 1443

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitânia
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro
Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

Recordando

=o=

Foi há 26 anos.

Tinha sido assassinado o professor Miguel Bombarda e as hostes republicanas andavam agitadas, clamando contra o crime, que as atingira em cheio, roubando ao mesmo tempo à ciência e à nação uma alta mentalidade, um dos seus maiores valores. Nestas condições e porque o ambiente lhe era propício, saíu a revolução que vinha sendo preparada para derrubar a monarquia. Mais cêdo do que se esperava? Sem dúvida. Todavia com tantas probalidades de êxito que o triunfo, após as primeiras horas, ficou dêsde logo assegurado. A fuga do rei, a desorientação dos seus aulicos e a circunstância dos revoltosos terem tomado, de início, soberbas posições estratégicas, tudo concorreu para assegurar a vitória republicana que ás primeiras horas da manhã do dia 5 era comunicada a todo o país e aceite no meio de grande entusiasmo, de extraordinário regosijo.

Foi há 26 anos. Vai comemorar-se, portanto, a data que na história contemporânea aparece a destacar-se de tôdas as outras visto a transformação política a que deu origem. Pois bem: o *Democrata*, que nem por ter sofrido perseguições, vexames e injúrias deixou um só momento de estar ao lado do regimen para o defender, prestando homenagem aos que se bateram lembra o que então escreveu e, com muito orgulho, faz hoje reviver:

A República é tôda paz e amor. E' generosa, carinhosa e amiga como o manto duma mãe, pois que, sendo a Pátria, mãe de todos os portuguêses tem de ser. Mas a República, para ser santa, honrada e respeitada, tem de ser digna. Só assim ela fará a felicidade da nação, só assim ela conseguird manter-se, resistindo a tôdas as investidas dos adversários.

A Espanha em armas

—o—

Ainda não terminou, nem terminará com a pressa que muitos desejam, a guerra civil no visinho país embora as tropas nacionalistas avancem constantemente para o triunfo final.

A tomada de Irun e ultimamente a de Toledo encheram de entusiasmo quantos acompanham dia a dia o movimento redentor e anseiam pela sua vitória.

As tropas, com os heroicos cadetes, defensores do Alcazar, marcham agora sôbre Madrid, onde já lavra o pânico e o Govêrno concentra reforços, que serão inúteis, dada a fôrça e o valor das gentes de Franco.

Obras da Barra

O grande panfletário, eminente jornalista e impetuoso tribuno (esta é mesmo de gazeteiro de Vila Nova de Gaia) foi vêr as plantações do Canal do Oudinot a convite do sr. presidente da Junta Autónoma, que lhe quiz mostrar até que ponto eram verdadeiras as informações que lhe levaram, e sôbre isso escreve tanta coisa que quási nos chegâmos a arrepender de o ter lançado pela borda fóra...

Mas há uma de que êle se esqueceu, talvez, e é importante: os tomates.

Sim; que foi feito dos tomates de que tanto se orgulhava a Junta da presidência do *impetuoso tribuno*?

Mirraram? Secaram?

Palavra que gostávamos de saber...

Por causa da semente...

Efemérides

3 de Outubro

1881—Aparece em Ponta Delgada o 1.º número da *Ventosa Sarjada*.

1906—Faz a sua estreia parlamentar, como deputado republicano, o dr. Alexandre Braga.

1910—E' assassinado em Lisboa o dr. Miguel Bombarda, acontecimento que dá origem à proclamação da República dois dias depois.

Mudança da hora

—o—

Hoje, á meia noite, devem os relógios ser atrazados 60 minutos, entrando se, assim, na hora normal, alterada pelo decreto n.º 26.460.

Até ao ano, pois, senhoras novas...

J. J. Nunes da Silva

Faz depois de àmanhã 20 anos que morreu êste nosso prestimoso amigo, cujos serviços ao *Democrata* jàmais serão esquecidos, tantos e tão valiosos êles foram.

Gratos o recordâmos com viva saùdade.

Acreditâmos

Ao *Ecos de Cacia* afigura-se-lhe que depois que de lá saíu o *vigilante* os galos cantam com mais satisfação.

Pudéra!

Sempre é de menos um inimigo...

E dos têsos!...

Calmos e fortes

—o—

Transcrevemos de *A Verdade*, semanário republicano que Costa Brochado dirige com elevação:

Calmos e fortes vão decorrendo os dias da Revolução Nacional.

Calmos e fortes... Eis aqui dois qualificativos que nos saltaram da pena em momento feliz. E' que não há fôrça sem paz doirada, como não há paz sem fôrça organizada que a mantenha.

Mas fôrça não quere dizer violencia, demagogia, destruição. Fôrça é a consciência do poder. Exatamente porque desejamos a ordem nas manifestações sociais da vida é que sômos e seremos fortes.

Sem ordem, sem disciplina, sem hierarquia, a fôrça transforma-se em arma de dois gumes. Fere os que a dirigem e aqueles a quem pretende dirigir. Não edifica nem garante. Desagrega. Tôda a fôrça se tem de apoiar no direito e nas exigencias vitais da Nação.

Se a fôrça não fôr aproveitada em benefício do comum, se não fôr distribuida pelos vários sectores, se não arrumar e não der estabilidade ás instituições, a fôrça então será demagogia pura, autentica desordem odiosa.

Foi assim a fôrça dos democráticos. Como a empregaram êles? Em pról da Nação contra o individuo dissolvente? Todos sabemos que sucedeu o contrário.

A fôrça dos democráticos serviu apenas de instrumento agressivo, contundente, desnacionalizador. Não se pôz ao serviço de qualquer realiz ção.

Não basta ter fôrça. E' preciso justificá-la, torná-la útil, embelezá-la com o fulgor da justiça, da verdade e da razão.

Pobre fôrça, a dos desordeiros! Ela apoia-se sobre recursos extremos, sobre a arbitrariedade, como se, maniacos delirantes, êles guerreassem a própria sombra.

Calmos e fortes correm, pois, os dias da Revolução Nacional. Calmos porquê? Porque somos fortes. Fortes porquê? Porque somos calmos. Não desejamos levantar as pedras da rua a ponta de espada. Desejamos simplesmente pacificar, unir, construir.

Cada dia que passa deixa, não um vestigio de sangue, mas o sulco profundo da terra semeada. Sempre vem a noite encontrar mais uma pedra assente no monumento.

Com o Estado Novo amanheceu uma aurora. Virão ainda as sombras enegrecê-la? Sejâmos calmos para sermos fortes; sejâmos fortes para sermos calmos. E depois a aurora brilhará eternamente!

Também assim pensâmos.

ROMARIAS

Estiveram muito concorridas e animadas as da Senhora da Saúde, na Costa Nova, e dos Navegantes, na Barra, onde se juntaram milhares de pessôas que, por completo, mudaram a fisionomia das duas praias do nosso litoral, movimentando-as extraordinàriamente.

Na Barra houve êste ano festa a capricho, destacando-se as iluminações e o fogo de domingo à noite, que deslumbraram a multidão.

A'manhã é a Senhora das Areias, em S. Jacinto, onde predomina a classe piscatória e o acesso se faz por meio de barcos, atendendo à situação da praia. Não costuma, por isso, a festa ser tão concorrida como as outras, mas ainda assim não deve faltar quem lhe imprima alegria e a torne divertida.

Um protesto

—o—

O escritor Albino Forjaz de Sampaio, não lhe passando despercebida a indiferença com que o mundo inteiro assiste ao massacre dos intelectuais espanhois, enviou a um jornalista de Lisboa uma carta, preguntando:

«Porque não farão os intelectuais portuguêses, escritores, jornalistas, pintores, artistas, todos os que dia a dia remam nesta galera do pensamento e do sonho, um protesto perante o mundo das atrocidades de delito comum que o mundo teima em não ver?»

E continuando:

«Os homens do pensamento são combatentes também, mas combatentes da Paz. Foram assassinados. Ergâmos a nossa voz, não para chorar sôbre os seus corpos, mas para apontar ao desprezo dos civilizados, como feras que são, os seus assassinos. Promova isso e ponha o meu nome, bem ostensivamente entre os primeiros a assinar—os nomes de choque—como um dos que acham que a sistemática perseguição de intelectuais é ignomínia, é crime tão hediondo que nenhuma ideologia política póde desculpar».

Último período:

«Que o mundo saiba, que o saiba a própria Espanha, que os intelectuais portuguêses, como quando foi de Ferrer, como quando foi de Gorki, protestam».

Tem razão Forjaz de Sampaio. Que o mundo saiba tudo isso e mais: que as atrocidades de Espanha não têm perdão.

E esta?

—o—

O *vigilante* — pois quem havia de ser — não gosta que estejam sem luz os oito globos dos candeeiros que ornamentam a Praça da República e vai de aí, para que o gasto de energia não seja muito, propõe esta solução: substituir por outras de menos potência as lâmpadas primitivas.

E' asno ou não é asno?

Olhem uma lâmpada de 25 velas ou mesmo de 50 que fôsse no interior dum globo daqueles!

Ai o *bom nome* e a *categoria da cidade* por que mãos andam!

Um portento assim, francamente, é uma honra.. para a família.

E andou tanto tempo perdido por Cacia!...

O TEMPO

—o—

Com a entrada do Outono começaram a caír, na terça-feira, as primeiras chuvas de pêso, após umas noites frias e de nevoeiro.

É cêdo; mas que se lhe ha-de fazer?

A Tôrre Eiffel

—o—

Correu há tempo—e a imprensa faz-se disso éco—que o grande monumento de ferro que se ergue em Paris, dominando a cidade com os seus 300 metros de altura, ia ser demolido, por falta de segurança. Aventava-se, mesmo, a hipótese do apeamento, em curto praso, dêsse colossal trabalho de engenharia, que os francêses, com justo orgulho, consideram uma das maravilhas do seu património nacional. Todavia, perto de meio século vai decorrido e a Tôrre Eiffel, resistindo aos rigôres dos temporais e aos sarcasmos dos homens, ainda se encontra de pé—altaneira e magestosa, como tivemos ocasião de verificar quando, em Julho, demandámos os seus três andares à procura do que de sensacional se experimenta nas alturas.

É ela constituida por uma colossal pirâmide de quatro arestas curvas, reüinidas na parte superior por dois arcos de 50 metros de altura e compõe-se de três corpos principais, terminando em plataformas sobrepostas. O primeiro está formado por uma espécie de tronco de pirâmide triangular, cujas arestas de apoiam na parte superior, e os grandes arcos da ornamentação desempenham um papel puramente decorativo, pois estão ligados ao esqueleto do edifício, sem suportá-lo.

O segundo constitui um novo tronco de pirâmide, também quadrangular como o primeiro, elevando-se as arestas curvilínias até o terceiro onde se reünem as de dois pilares em todo o longo da Tôrre, desde a base, para formarem uma engrenagem de braçadeiras de ferro muito resistentes, elásticas e ligeiras que lhe dão um fecho admirável.

No primeiro pavimento há uma galeria, de 13 metros de altura, em tôda a volta, onde se acham instalados, desde a fundação, estabelecimentos vários. No segundo existe outra galeria de 150 metros com iguais características da que ficou descrita e no terceiro aparece a cúspide, coroada por uma cúpula balaustrada de 60 metros de comprido e da qual se avista, numa extensão de mais de 120 quilómetros, tão soberbo panorama, que não há tintas que o pintem nem palavras que o descrevam.

Foi construída a Tôrre Eiffel no Campo de Marte, em frente a uma das pontes do Sena e próximo do Palácio do Trocadero—ponto central e dos mais formosos de Paris. Nela estão reünidos o melhor de sete milhões de quilogramas de ferro que, para todos os efeitos, ficaram a assinalar a Exposição Universal de 1889 e continuam a servir de atractivo a quantos vão de visita à grande cidade-luz.

Se aquilo é único no mundo!

Latidos...

—o—

Um caudatário daquela aberração que o Exército sacudiu das suas fileiras por **incapacidade moral** e que lhe serve de muleta, quiz celebrizar-se há dias, mas —coitado!—mais valia o Senhor levá lo...

Se é tão insignificante, o bisbória...

Tilia do Japão

E' um perfume que se impõe e é exclusivo da Farmacia Brito.

5 de Outubro

—o—

Na forma do costume o batalhão da Guarda N. Republicana aquartelado numa casa da Rua de José Estêvão, prepara se para comemorar o aniversário da proclamação da República com várias demonstrações festivas e um bôdo aos pobres. Por sua vez a Câmara mandará repicar os sinos e atirar foguetes.

Como lembrança não se póde exigir mais.

SALAZAR ALONSO

é outro patriota espanhol a quem os extremistas arrancaram a vida, fuzilando-o

Já que aludimos no último número, com indignação, ao fuzilamento dêste conhecido político espanhol pelo exército vermelho que transformou o vizinho país num autêntico vulcão, seja-nos permitido também fixar nestas colunas alguns traços da sua personalidade tendentes a justificarem essa atitude e que, concerteza, devem despertar interêsse, por elucidativos.

Quem era, então, Salazar Alonso? Fisicamente uma figura simpática; como homem público um honrado republicano.

Novo ainda — pouco mais de quarenta anos — Salazar Alonso, filho de gente humilde do povo, fez-se por si, pelo seu esfôrço. Com o pai, aprendeu o ofício de barbeiro, mas, nas horas vagas, estudava com afan—na ânsia enorme de ser um homem culto, alguém que se impusesse. E, assim, inteligente e cheio de vontade, conseguiu tirar o curso de Direito. A advocacia atraía-o. Foi, pois, advogado.

Logo no começo da sua carreira profissional dedicou-se à política, filiando-se no *Partido Radical*, de Lerroux—por quem tinha profunda simpatia e apreço. E Lerroux chamou-o um dia, para, em nome do Partido Radical, lhe confiar a pasta do Interior—num momento difícil para a República. Foi em 1934, no govêrno de Ricardo Samper.

Salazar Alonso sobraçou a pasta do Interior quando os partidários da Frente Popular, especialmente socialistas, comunistas, anarco-sindicalistas e anarquistas, de colaboração com elementos da Esquerda Republicana, então chefiada por Manuel Azaña e da Esquerda Catalã, preparavam activamente o golpe de Estado de Barcelona e a revolução comunista das Asturias.

Salazar Alonso denunciou aquêles movimentos, e, como ministro do Interior, pretendeu aplicar sanções, com o fim de evitar a sua eclosão. Tinha em seu poder—e mostrou-a—a lista dos dirigentes, dos chefes. Quis mandá-los prender. Encontrou, porém, forte resistência da parte do então Presidente da República, Alcalá Zamora. Salazar Alonso foi demitido — e, dias depois, dava-se o golpe de Estado em Barcelona e rebentava a revolução comunista nas Asturias...

Quem eram os chefes? À cabeça, estavam os nomes de Azaña, Largo Caballero, Indalecio Prieto, Marcelino Domingo, Companys, etc.

Salazar Alonso, porém, continuou a fazer parte do Partido Radical, que o escolheu, logo que a revolução das Asturias foi sufocada, para o cargo de «alcalde» de Madrid, em substituïção do socialista Pedro Rico. A sua passagem pelo «Ayuntamiento» madrileno prestigiou-o ainda mais, conquistando-lhe gerais simpatias pela sua acção política e administrativa, sempre inteligente e criteriosa.

Surgiu depois o escândalo Straperlo — habilidosamente engendrado por Indalecio Prieto, do seu exílio de Paris, e logo aproveitado pelos elementos da Frente Popular contra o Partido de Lerroux, então no poder. Pretenderam os marxistas envolver Salazar Alonso nêsse *famoso* escândalo, mas o antigo ministro do Interior e «alcaide» de Madrid estava naturalmente ilibado de qualquer responsabilidade, dada a sua reconhecida honestidade pessoal e política. A sua defêsa no Parlamento foi acolhida com aplausos pelos elementos das direitas, mas, apesar disso, Salazar Alonso—porque quem não deve não teme — pôs-se à disposição da Justiça, aguardando nobremente que a questão fôsse esclarecida. A verdade, porém, é que, não obstante a Frente Popular ter alcançado o Poder, Salazar Alonso não foi chamado a prestar contas à Justiça — até que, já declarada a guerra civil e preso às ordens das milícias marxistas, foi julgado e condenado sob a acusação de estar implicado no escândalo Straperlo! Simples pretexto para o condenarem à morte por ser adversário intransigente da Frente Popular e ter tido a nobre coragem de denunciar publicamente a revolução comunista feita do Poder.

Mas há mais: Salazar Alonso era um patriota. Demonstra-o a sua acção política no Ministério do Interior, no «Ayuntamiento» de Madrid e nas Côrtes, e ainda é eloqüente afirmação de nacionalismo, o seu sensacional livro *Bajo el signo de la revolución*, formidável libelo acusatório contra os responsáveis directos e indirectos, conscientes ou inconscientes da vitória da Frente Popular — não poupando sequer o então Presidente da República, Alcalá Zamora, cuja acção política, por nefasta, verberou rudemente.

Depois das eleições de Fevereiro, isto é, da ascensão da Frente Popular ao Poder, Salazar Alonso, na previsão dos acontecimentos de hoje, escreveu ao chefe da *Ceda*, Gil Robles, uma nobilíssima carta, da qual merecem transcrição os seguintes períodos:

«Excedeu-se a barbarie da Rússia; províncias inteiras parecem submetidas a um exército de ocupação. A lei, a propriedade e as vidas não são respeitadas; desprezam-se os sexos e as idades; encarceram-se e desterram-se pessoas; ocupam-se herdades

As vindimas

É esta a época de a elas se proceder, mas das regiões vinhateiras dizem que estão feitas por sua natureza visto as cêpas não terem nada que apanhar.

Foi no que deu a fartura.

Mas há pàosinho. E isso, para os pobres, é o que mais deve interessar.

Os Correios

De Lisboa foi-nos esta semana devolvido um jornal, que há muito vai endereçado para a Avenida Cândido dos Reis, com a seguinte nota do distribuidor: *Em Lisboa não existe a avenida indicada—Pinto.*

Êste sr. Pinto deve ser, pelo zelo que demonstra no cumprimento dos seus deveres, um belíssimo empregado.

Não há Avenida Cândido dos Reis mas existe a Avenida Almirante Reis onde o jornal nunca deixou de ser entregue e poderia continuar se de vez em quando não aparecessem dêstes Pintos meticulosos.

Recomendâmo-lo à Administração Geral.

Consultório médico

—o—

O nosso velho amigo e esclarecido clínico, dr. Eugénio Couceiro, que se achava deslocado da cidade, abre na segunda-feira um novo consultório no primeiro andar do prédio onde está instalada a *Farmácia Brito*, na Rua Coimbra, que, por ser muito central, é da maior vantagem para os que careçam dos seus serviços.

O dr. Eugénio Couceiro não precisa de apresentação. Sobejamente conhecido no nosso meio, apenas diremos que no novo consultório toda a gente o encontrará das 9 às 11 horas e das 16 às 19, isto de ordinário, visto os médicos estarem constantemente sujeitos a inesperadas saídas.

Também na sua casa e antigo consultorio que ficam na Estrada de Ílhavo, poderá ser procurado fóra daquelas horas.

Este número foi visado pela Censura

Meteorologia e Sismologia

Previsões de 4 a 10 de Outubro

METEOROLOGIA

Oscilação barométrica geral—Continua este período por uma descida barometrica, fortemente acentuada em 8, voltando depois a subir.

Datas de novos ciclones—Em 5 e 8.

Tempo em Portugal—E' provável que o tempo se apresente, por vezes, de trovoada e ventoso, principalmente nos primeiros e ultimos dias do periodo.

Tempo no estrangeiro—Tendência para mau tempo e maior intensidade dos ventos: Em Espanha, Inglaterra, e Suiça.

Oscilação provavel de temperatura na Peninsula—Tendencia para descer até final do periodo.

SISMOLOGIA

Datas de maior sensibilidade: em 4 e 7.

Setúbal, 29 de Setembro de 1936

A. CARVALHO SERRA

Cruzada Nun'Alvares Pereira

No momento que passa, hora de incertezas e ambições, em que uma onda de insânia ameaça subverter os sãos princípios da Nacionalidade, da Ordem e da Sociedade, a Cruzada Nacional D. Nun'Alvares Pereira, fundada em 1918, conscia da patriótica missão a que se impôs, na qual colabora activamente uma pleiade de valores da nossa terra, representada pelos seus corpos gerentes, onde se encontram os srs. generais Farinha Beirão, Domingos de Oliveira, Amilcar Mota e Schiappa de Azevedo; os coroneis Mousinho de Albuquerque e Passos e Sousa, etc., etc., etc., apresenta, em síntese, os seus fins e princípios estruturais, que são os seguintes:

a)—Levantar intensamente as energias do povo português, despertando-lhe e radicando-lhe o amôr pela terra da Pátria e o culto dos seus heróis.

b)—Estimular tôdas as iniciativas de manifesto interêsse Nacional, proclamando a dignidade do trabalho em todos os ramos de produção.

c)—Pugnar pela formação do carácter.

d)—Promover o máximo respeito pela família tradicional, base de toda a sociedade bem organisada, desenvolvendo nela todas as virtudes morais que deram origem à Grandeza da antiga Raça.

e)—Nacionalizar o espírito científico, cuidando da instrução superior, média, primária, técnica e artística.

f)—Promover a unidade moral da Nação Portuguesa, refreando todos os ódios e as excessivas paixões de facção, estabelecendo assim uma verdadeira e definitiva atmosfera de paz e concórdia entre todos os portuguêses.

g)—Preconisar a disciplina social para se obter a unidade de fôrça e ordem na Sociedade.

h)—Intensificar a prática do princípio da organização profissional, promovendo a fundação de sindicatos mixtos, no maior interêsse da produção.

i)—Organizar profissionalmente todos os Cruzados no sentido de se obter o máximo equilíbrio, ordem e harmonia entre todos os interêsses sociais.

j)—Nos conflitos entre o capital e o trabalho, procurar a solução do problema, num ponto equitativo de direitos e deveres entre os elementos em contenda.

k)—Intensificar a riqueza Nacional, pelo aproveitamento de todos os factores do seu solo e sub-solo.

l)—Chamar à actividade todos os valores colectivos ou individuais, que possam ajudar a Cruzada na sua espinhosa missão.

m)—Procurar para Portugal a sua expansão lógica e científica, dando-lhe nos vários continentes a influência que a sua história e situação geográfica reclamam.

n)—Auxiliar os govêrnos nos seus justos planos de Fomento Económico e desenvolvimento Nacional, dentro dos preceitos da Constituição política da República Portuguêsa.

o)—Como fim imediato combater todos os inimigos que trabalham para a insolvência social, atentando assim contra a integridade e independência Nacional.

Secção desportiva

Foot-Ball

Beira-Mar, 3—Vitória, 5

No penúltimo domingo, em Guimarães, o *Sport Club Beira-Mar* foi derrotado pelo 2.º classificado do campeonato do Minho. Atendendo a que o encontro foi disputado fóra de casa e ainda a que o *Vitória* é um dos melhores grupos da província, o 3-5 demonstra bem o valor actual do nosso melhor *team*. Em Aveiro, os locais devem impôr-se por boa margem diante do mesmo adversário.

Ciclismo

I Circuito de Aveiro

Numa região onde a bicicleta abunde, a corrida realizada no domingo despertou entusiasmo.

Classificações: *Fortes*, 1.º Aniceto Bruno, *F. C. Porto*; 2.º Manuel Francisco, Aveiro; 3.º Albino Carvalho, *F. C. Porto*; 4.º José Santiago, Sangalhos; 5.º Adalberto Soares, *F. C. Porto*.

Fracos, 1.º José Pereira, de Aveiro e 2.º José Rodrigues, de Vilar.

Natação

O "Beira-Mar„ na Curia

Finalmente, o *Beira-Mar* resolveu-se êste ano ir disputar provas à Curia. Anadia, Águeda e Coimbra fizeram-lhe companhia. No fim do torneio, Coimbra era a vencedora da taça *Curia 1936*.

Mas é preciso notar que os ases do *Beira-Mar* não estavam na piscina...

A Associação Académica de Coimbra, com os seus melhores, venceu apenas os novatos do club negro e amarelo. Águeda e Anadia, por ordem, classificaram-se em 3.º e 4.º lugares. Os conimbricenses totalizaram 21 pontos, os aveirenses 15, os aguedenses 7 e os anadienses 4.

A imprensa tem feito as melhores referências a estas provas. *Os Sports*, por exemplo, diziam na passada segunda-feira:

«Decorreu com muita animação e brilhantismo o festival popular de natação que o *Curia Sport Club* promoveu ontem na piscina *Paraiso*. O duelo travado entre Coimbra e Aveiro deu a nota mais saliente do festival».

Resultados alcançados pelo *Beira-Mar*:

100 metros livres (principiantes), 2.º Serafim Moreira; *33 metros livres*, 1.º João Agostinho da Costa; 3×33 *livres* (infantis), 2.º; 3×66 *m.*, (costas, bruços, livres), 2.º; *33 m. livres* (principiantes), 2.º Serafim Moreira; *100 m. bruços* (principiantes), 2.º António Mendes; 5×33 *livres* (principiantes), 2.º.

O "Beira-Mar„ no Pôrto

Vitória individual e por *équipes*—eis o balanço da ida ao Pôrto dos rapazes do *Beira-Mar*. Aos 1.500 metros de *Os Portuenses*, prova já clássica do calendário nortenho, concorreram os melhores especialistas tripeiros. O triunfo, indiscutível, tem também o maior merecimento. De resto, a classificação obtida pelos aveirenses era de antemão esperada.

O Pôrto, a pesar de muitas e mirificas promessas, ainda não possui uma piscina. E o Douro é bastante ingrato para a prática da natação. Assim, a superioridade aveirense foi apenas confirmada. Lisboa, Pôrto e Aveiro, os três centros portuguêses mais importantes de natação, devem ser classificados pela ordem quanto ao seu valor actual. Precisemos melhor: Lisboa está tão longe de Aveiro como Aveiro se encontra do Pôrto. O melhor nadador aveirense do momento, António Agostinho da Costa, que já conhecia a prova, voltou a repetir o seu triunfo de 1935. Considerado por todos os técnicos e bons nadadores portuguêses como um grande valor, a-pesar do seu antiquado *over-arm*, ganhou como quiz. Em Portugal, só Azinhais, que forma com Silva Marques o *duo* de nadadores portuguêses com valor internacional, o poderia bater. Mas Azinhais não concorreu e Portugal, naturalmente, triunfou.

A *équipe* do *Beira-Mar*, pelo seu lado, impoz-se também. Os seus homens obtiveram o 1.º, 3.º e 5.º lugares por intermédio de Agostinho, como já se disse, João Paulino e Cipriano.

O *Sport Club Beira-Mar* está seguindo, agora, o melhor caminho. Seguido o melhor caminho, os frutos colhidos estão à vista. Aqui, os frutos, como os leitores estão vendo, são a propaganda para o club, os triunfos para o club, as taças para o club. A Secção de Natação, apesar de só ter concorrido a três torneios na presente época, continúa a enriquecer, mais do que qualquer outra, a sala dos troféus.

Sentimos o máximo prazer em elogiar porque só elogiamos aquilo que o merece. E o *Beira-Mar*, ao qual temos feito sempre justiça, merece que o elogiemos pelo seu trabalho de agora em prol da natação.

Pena foi estar quási inactivo até há pouco.

Y.

sem quaisquer garantias; impõe-se avultadas multas e força-se a assinatura de contratos de trabalho contra o verdadeiro critério económico. Morrerão os gados e serão de difícil remédio os danos causados à produção agrícola.»

E mais adiante:

«*É urgente que se opere uma reacção no país e que aos grandes sectores da Espanha, que mostram inquietação por tudo quanto vem acontecendo e conhecem com grande intuição o que póde vir a suceder, se lhes ofereça um instrumento adequado que hoje já não pódem ter os partidos políticos. Contra a Frente Popular, cujos perigos na ordem internacional são evidentes, deve levantar-se a Frente Nacional. Fiquem à margem os partidos políticos, mas autorizem os seus filiados a formá-la, não com fins eleitorais, mas com a convicção de que o respeito pelo sufrágio, quando o mal da nossa época é a infecção das massas, redundaria em prejuízo da nação, cujos designios são imutáveis. Não procuro fórmulas definitivas. Busco apênas os processos.*

O que me importa é organizar o Estado de fórma que não seja possível a ressurreição do período revolucionário mantido durante tantos anos por um sistema incompatível com a ordem pública».

A concluir:

«*Sempre me caracterizou um forte sentimento jurídico, e julgo que o não atraiçôo ao considerar que a Revolução interrompe a esfera do Direito, e quando o Estado, em vez de amparar os que dentro dêle se movem, presta assistência àquêles que a violentam — é obrigação iniludível substituir êsse Estado, ainda que hoja de passar-se por situações transitórias que impônham a todo o transe o princípio da autoridade*».

Eis o homem que pagou com a vida o seu amor à Espanha e a sua dedicação à República.

Disseram os jornais de Madrid que depois do seu fuzilamento forças da Guarda Republicana, da Guarda de Assalto e das milícias desfilaram perante o cadáver de Salazar Alonso!

O ódio vermelho a manifestar-se ainda para além da morte!

Infâmia das infâmias!

Necrologia

No bairro piscatório finou-se na noite de terça-feira, João Gonçalves da Peixinha, a quem um tumôr maligno havia feito recolher á cama.

Deixou viúva com três filhos e o seu cadáver foi sepultado, no dia seguinte, no cemitério novo, aonde o acompanharam numerosas pessoas.

* * *

Faleceram mais: em *S. Bernardo*, João Vieira Caniço, solteiro, de 45 anos, que, tendo estado na América, ali adquiriu a doença que o vitimou e para a qual foram impotentes os recursos da ciência; na *Quinta do Gato*, António Maia, casado, de 61 e em *Esgueira*, Manuel Simões da Silva, viúvo, de 81.

Feira das cebolas

—o—

Efectuou-se êste mercado, que também inclui alhos, e onde as donas de casa se costumam fornecer para uma temporada.

Queixavam se, p rém, elas da carestia de ambas as coisas.

São anos.

As salinas

—o—

Devido à chuva, que, por completo, alagou as marinhas, está virtualmente terminada a safra do sal.

Êste produto da nossa ria, hoje considerado o melhor que se apresenta nos mercados, vende se actualmente a 900$00 cada barco.

Liga dos Combatentes da Grande Guerra

=o=

Agência de Aveiro

Tendo-se procedido à reorganização dos serviços desta Agência cuja séde provisória se encontra instalada no quartel do R. I. n.º 19, faz-se público que a sua Comissão Administrativa está envidando todos os esforços no sentido de promover o seu maior desenvolvimento e de forma a que a sua acção resulte benéfica para os Combatentes da G. Guerra que nela se acham filiados como sócios.

A mesma Comissão apela para o espírito de solidariedade dos antigos Combatentes domiciliados na área do distrito de Aveiro, a cargo desta Agência, convidando a inscreverem-se como sócios os que não estiverem inscritos e de forma a aumentar a sua população associativa e a conseguir que a Agência de Aveiro mereça entre os Núcleos da Liga existentes no País o logar de destaque que por direito lhe compete.

Todos os assuntos referentes à Liga podem ser tratados directamente com o Secretário, capitão António José de Campos Rêgo, do R. I. n.º 19, das 13 ás 16 horas de qualquer dia útil.

Aveiro, 22 de Setembro de 1936

O Presidente da Agência,

Eduardo Pinto Veiga

cap. do R. I. n.º 19

Ainda as serenatas no Mondego

Coimbra, 24/IX/936.

...Sr. Director do jornal
O Democrata

Aveiro

Na minha última carta àcêrca das *Serenatas no rio Mondego*, frizei que o assunto não dava margem a respostas e que apenas desejava contribuir para o engrandecimento da *praia fluvial* de Coimbra e ao mesmo tempo para o desaparecimento da maledicência de que ela vinha sendo objecto.

Escrita a referida carta, não mais pensei em tal assunto. Eis senão quando deparo no *Democrata* com uma respostasinha do sr. Leonildo Rosa.

Francamente: não contava em me vêr envolvido nêste aborrecido trocadilho do dize tu... direi eu..., sôbre um assunto de tão pouca monta. De resto, eu podia deixar de responder ao sr. Leonildo Rosa, visto que êste sr. inicialmente declara que tendo principiado a assistir à serenata em causa o deixou de fazer, retirando-se, sem esperar pelos *acordes finais*. Perante tão formal declaração, parece-me que nada mais seria necessário para demonstrar que a tal «ausência de cordas e excesso lamentável de batuque» fôram apenas produto da sua imaginação.

E vem agora o sr. Rosa, escudado com a presença dum conimbricense, à «espécie de fanfarras» repetir que os «acordes finais» fôram iguais aos primeiros»!

Pois sr. Rosa: eu continúo a afirmar que a serenata, a que diz ter assistido ao princípio, foi bôa, muito bôa mesmo, embora o senhor, para provar o contrário, evoque o testemunho dum conimbricense, que aliás parece não ter também esperado pelos «acordes finais». Para sintetizar, o que não ofrece dúvidas, é que o sr. Rosa não quiz ou não poude assistir aos «acordes finais» da serenata.

Diz também o sr. Rosa, que da minha carta póde depreender-se que a sua crítica foi tendenciosa e falha de verdade. Da minha carta póde depreender-se tudo quanto o sr. Rosa quizer, porque, não tendo êste sr. assistido aos «acordes finais» da serenata, nela só descobriu «as cordas da caixa».

E agora, para que eu vá chegando um pouco mais depressa ao fim desta maçada, direi que, o que o sr. Rosa parece ter visto foi apenas o princípio, que por um conjunto especial de circunstâncias, a que me escuso agora de relatar, se distanciou do fim, isto é, da serenata que tanto o aborreceu e que afinal tão elogiada foi.

Diz mais o sr. Rosa, que não faz *maledicência*, pois não lhe «interessam as coisas de *Coimbra*» e que «simplesmente lhe apetece, às vezes, criticar o lado burlesco com que se apresentam».

Não diga heresias, sr. Rosa! Não diga mal do que a Imprensa de Coimbra classificou de bom! Não chame burlesco ao que se apresentou com a maior seriedade! De mais: não me parece que o sr. Rosa tenha tido ocasiões asadas para criticar o lado burlesco com que as coisas de Coimbra se tenham apresentado.

O que o sr. Rosa não viu, e foi pena—visto mexer em coisas de música sempre com agrado—fôram os dois corpos corais que faziam parte da serenata, por que certamente, apesar de exigente, os teria elogiado, pois eram alguma coisinha de aproveitável.

Diz ainda o sr. Rosa, que acho que uma banda de música é o grupo adequado para uma serenata.

O sr. Rosa, não quiz ou não soube lêr bem a minha carta. Eu não disse que achava adequada uma banda de música. Eu disse: que nos tempos das saüdosas serenatas já assim era.

E no assunto ponho ponto final, porque o considero falho de todo o interêsse em virtude de apenas desejar significar que os remoques cm que se tem pretendido atingir a «praia fluvial» e as suas festas, são injustos.

De V., etc.

Arnaldo Alves dos Santos

Livros

Noções sôbre o fabrico do vinho de pasto é um volume de 90 páginas da autoria do sr. engenheiro agrónomo Albano Homem de Melo, director da Federação dos Vinicultores do Centro e Sul de Portugal, e que há pouco nos foi oferecido.

Reconhecendo a sua utilidade, recomendâmo-lo àquêles a quem mais directamente deve interessar e que são os que da uva aproveitam o precioso sumo.

Agradecemos.

Atenção para a 4.ª página

Doenças dos olhos

Durante as férias, num período que vai de *8 de Agosto a 17 de Outubro*, inclusivé, não se realizam no Hospital da Misericórdia desta cidade, as habituais consultas, aos sábados, pelos abalisados clínicos, drs. Abílio Justiça e Cunha Vaz, especialisados em doenças de olhos.

Manuel R. da Paula Graça

Agradecimento

Sua família na impossibilidade de o fazer por outro meio, vem por esta forma manifestar o seu indelevel reconhecimento às pessoas que durante a grave enfermidade que vitimou Paula Graça se interessaram pelo seu estado e após o triste desenlace o acompanharam à ultima morada.

A todos se confessa reconhecida e mui especialmente aos srs. drs. Manuel Marques Soares, seu médico assistente, José Maria Soares e Pompeu Cardoso e ainda à direcção da Banda Amisade, visto terem sido incansaveis durante o tempo que o reteve no leito.

Aveiro, 1 de Outubro de 1936.

Agradecimento

Manuel Dias dos Santos Ferreira, não lhe sendo possivel agradecer a todas as pessoas amigas que se aignaram vizita lo durante a sua doença, vem, por esta forma, testemunhar a todos a sua gratidão.

Aveiro, 30 de Setembro de 1936.

Manuel Dias dos Santos Ferreira

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a menina Estela Fernandes, filha do sr. Firmino Fernandes; ámanhã, o sr. Fernando de Albuquerque, chefe da estação do caminho de ferro; no dia 5, as sr.as D. Maria José Soares Magano, esposa do sr. dr. Fernando Magano, distinto clínico no Pôrto; D. Maria Lúcia da Rocha, de Eixo e D. Clotilde F. de Sousa, professora oficial; o sr. general João de Almeida, residente em Lisboa, e os meninos Alberto Neves e Paulo de Melo Moreira, filhos, respectivamente, do sr. dr. Francisco Ferreira Neves, professor do Liceu de José Estêvão e da sr.a D. Ilda de Melo Moreira; em 6, a sr.a D. Ester de Rezende Godinho, esposa do sr. José Lopes Godinho, ambos professores no concelho de Oliveira de Azemeis e o sr. Luis de Almeida, empregado na Cadeia Nacional de Lisboa; em 7, o sr. António Augusto Martins, empregado nos escritórios da Vacuum Oil Company de Coimbra; em 8, a sr.a D. Maria da Conceição Faria da Cruz, gentil filha do sr. Ricardo da Cruz Bento, e em 9, as sr.as D. Eneida Souto e D. Lilia de Carvalho Vilaça, filhas, respectivamente, dos srs. dr. Alberto Souto e Domingos Vilaça.

—Também na próxima quinta feira festeja o seu primeiro aniversário a inocente Maria Armanda, filhinha da sr.a D. Armanda Abrantes Saraiva e de seu marido o sr. alferes José Salvato Bizarro Saraiva, residentes em Lisboa.

Parabens.

Casamentos

Consorciou-se no último sábado com a simpática tricaninha Elvira Monteiro Candeias, sobrinha do sr. Artur Candeias, 1.º sargento-artifice, reformado, de Cavalaria 8, o sr. Jaime Vieira Valentim, 2.º sargenio de Infantaria 19.

Muitas felicidades.

Partidas e Chegadas

Tendo sido promovido à 1.a classe, foi colocado na 2.a vara do Pôrto, para onde já retirou, o nosso conterrâneo sr. dr. Carlos Vilas-Bôas do Vale, delegado do Procurador da República, a quem felicitamos.

—Vindo de Viana do Castelo, onde passou parte das férias, já se encontra na sua casa de Esgueira o sr. dr. Francisco Ferreira Neves, professor do Liceu de José Estêvão.

—Também chegaram de Oliveira de Frades a mãe, a esposa e o filho do nosso presado amigo Carlos Aleluia, sendo-nos grato constatar as melhoras obtidas pelo último

—Chegou do norte e de passagem para a sua casa de Lisboa, esteve aqui ante-ontem com sua esposa, tendo-nos dado o prazer de o abraçarmos, o nosso conterrâneo e também muito presado amigo, dr. António Leitão, coronel-médico do ultramar.

—Com pouca demóra também aqui estiveram os srs. tenente Duarte Calheiros, adjunto do Administrador Geral dos Correios e Telégrafos e dr. Ernesto Pinho Guedes e Armando Afonso, residentes em Coimbra.

—Hoje deve retirar de Côja para Santarém, onde exerce as funções de secretário geral do Govêrno Civil, o sr. dr. Mário Matias.

Praias e Termas

Regressou de Melgaço, onde esteve a fazer uso das águas, o nosso prezado amigo António Madail.

—Da Costa Nova regressaram: a esta cidade, as familias dos srs. capitão Casimiro Marques e Amadeu Amador, a sr.a D. Maria Melo e Costa e os srs. dr. Jaime Dagoberto de Melo Freitas, Firmino Picado e Manuel José da Costa Guimarães; a Esgueira, o sr. Carlos Vieira Tavares; a Soure, o sr. José Nunes Guerra, digno escrivão de Direito; a Fafe, o sr. João de Oliveira Frade e a Anadia a esposa e filhos do sr. José Ferreira Tavares.

—Também chegou das termas de S. Pedro do Sul, o sr. Francisco José Lopes de Almeida e das Caldas da Felgueira (Beira Alta) o sr. Manuel Luis da Graça Baptista, sub-inspector dos telégrafos.

—Do Gerez retirou para a capital, onde reside há muitos anos, o nosso conterrâneo e amigo Manuel Luis Coimbra Flamengo.

—Já se encontra nesta cidade o nosso amigo sr. major José da Costa que a Espinho foi passar algumas semanas.

Doentes

Acha-se de cama, doente, inspirando o seu estado os maiores cuidados, o sr. José Lopes do Casal Moreira, antigo chefe de secretaria da Câmara Municipal.

—Com a saúde abalada encontra-se num quarto particular do Sanatório de Celas, em Coimbra, a mãe do sr. dr. Francisco Romão Machado, médico no Ultramar.

A AMIZADE

A amizade sincera é uma das maiores belezas da vida humana: é o receptáculo impoluto e sagrado, onde o espírito e o coração vão repousar as confidências mais íntimas dos sentimentos que agitam a existência, confiando num coração amigo o que a alma sente na tristeza duma dôr, duma alegria.

Um bom amigo é um tezouro inestimável cuja preciosidade e magnetitude não tem equivalente.

Aquêles que têm a infinita ventura de disfrutar uma amizade sincera, devem conservá-la e honrar êsse sentimento nobre que tão bem qualifica o carácter de quem o pratica

A vida é uma jornada curta, que passo a passo se vai aproximando do seu destino: a morte. Felizes dos que ao chegar ao fim da espinhosa caminhada, lançando um olhar para o caminho percorrido pódem reconher, espalhada por essa estrada de miséria, aqui o àlém, erguendo-se do nível poeirento, os monumentos sublimes de bem, da caridade, do amor ao nosso semelhante...

Se todos quizessem compreender a vida e pensassem mais a fundo no seu diminuto valor, o mundo seria um lugar mais agradável e apetecível durante a nossa rápida passagem por êste solo tão cheio de ignominia e de prantos.

Um dos sentimentos que mais prazer oferece ao espírito e que mais nos faz soborear a alegria de viver é o convívio social, é a comunhão de ideia em pequenos grupos, é a amizade que nos liga aos nossos amigos e companheiros, nesta caravana que caminha hà milhares de séculos, noite e dia, incessante, para o nada, para o desconhecido!

Praticar o bem é uma acção sublime. Ser leal e sincero na amizade exprime a grandeza da alma e o carácter individual, e afinal se a vida é tão curta, para que havemos de praticar o mal e alimentar ódios?

* * *

Conselhos médicos

II

Conforme deixámos dito na nossa publicação anterior, iniciâmos hoje uma pequena série de artigos dedicados à propaganda dos meios destinados a evitar algumas doenças dos olhos e a diminuir a freqüência dos acidentes oculares.

Afim de darmos uma certa orientação ao nosso modesto trabalho começaremos pelos cuidados profiláticos relativos ao recem-nascido (assunto da nossa publicação de hoje) descrevendo seguidamente (nas próximas publicações) os referentes à infância e adolescência, idade adulta e vèlhice. Passando assim em revista as diferentes fazes da vida humana chamaremos a atenção sôbre os cuidados adequados a cada uma delas.

Cuidados de profilaxia ocular que devem ter-se para com o recem-nascido

É êste um dos pontos mais importantes, pois dos cuidados prestados à criança, quando nasce, depende muitas vezes a sua visão no futuro.

A doença verdadeiramente perigosa do recem-nascido e que, como tal, deve ser bem conhecida de todos é a oftalmia purulenta, conjuntivite gonococia ou ainda conjuntivite blenorrágica dos recem-nascidos.

Manifesta-se, em regra, do 2.º ao 5.º dia (raramente antes ou depois) e é transmitida pela mãi no momento em que a criança nasce. Excepcionalmente a transmissão pode fazer-se antes do nascimento ou tardiamente por intermédio das mãos infectadas da mãi ou doutra pessôa que, de perto contacte com a criança. A propósito diremos que nunca ninguém deverá tocar na face ou proximidade dos olhos duma criança sem ter as mãos muito bem lavadas.

Sendo, pois, o contágio feito pela mãi, a principal determinação do aparecimento desta perigosa doença, a verdadeira profilaxia seria a mãi tratar-se de modo a estar perfeitamente curada no momento em que a criança nasce.

Vamos agora encarar o problema a partir no momento preciso do nascimento. Antes, porém, diremos duas palavras sôbre a sintomatologia da doença. Chama, em geral, a atenção dos pais ou pessôas que, de perto, contactam com o recem-nascido o facto de que êste não abre os olhos, tem as pálpebras inchadas e um pús espesso e amarelo aparece no canto interno destas, que sai repentinamente quando se tenta entreabri-las. É, em regra, do 2.º ao 5.º dia, como dissemos atraz, que a doença se manifesta. Estabelecido êste quadro deve-se imediatamente recorrer ao médico, pois sem a assistência dêste pode dizer-se que a cegueira é sempre a finalidade desta triste situação.

Como evitar tão terrível flagelo? Dum modo relativamente simples: logo que a criança acaba de nascer deitam-ne em cada olho duas ou três gotas de um soluto aquoso de nitrato de prata a 1%. Crédé, que colaborou fundamentalmente nesta grande medida profilática, recomendava o nitrato de prata mesmo a 2%. Havendo, porém, hoje medicamentos que substituem, até certo ponto, o nitrato de prata, por serem menos dolorosos e não menos eficazes, pode-se usar um soluto aquoso de argirol (Barnes) a 15 ou mesmo a 20% do qual se aplicarão igualmente duas ou três gotas em cada olho imediatamente após o nascimento. Como se vê, por meio dêste processo bastante simples e ao alcance de qualquer pessôa, pode evitar-se no recem-nascido uma das mais terríveis doenças dos olhos que afligem a humanidade e que outrora (antes do método de Crédé) fornecia um largo contingente de cegos para os asilos.

O processo que acabâmos de expôr deve, pois, ser aplicado sistemàticamente a todos os recem-nascidos, sem a menor hesitação. Antes a criança nasça sã e se lhe faça a aplicação do medicamento, que em caso algum póde prejudicar, do que nasça contaminada e essa aplicação não tenha sido feita.

As outras doenças dos olhos que podem aparecer no recem-nascido, não têem o perigo da que acabâmos de mencionar; no entanto, o médico deverá ser chamado logo que qualquer coisa de anormal seja notada.

E, para terminar, diremos que nunca se deve esperar, julgando que a doença passa por si só; ao menor sintoma ou desconfiança recorrei ao vosso médico sem demora; assim podereis evitar que o doente chegue às mãos dê te sem remédio.

(Da Liga Portuguesa de Profilaxia Social)

Correspondencias

Costa do Valado, 1

A chuva veio surpreender o lavrador em plenas colheitas, havendo já muito milho nas eiras a aguardar a oportunidade de recolher às tulhas.

Não deve ter feito prejuizos; antes beneficiou a sementeira dos nabos.

—Acompanhando suas famílias retiraram no princípio da semana para Lisboa, depois de aqui terem passado a estação calmosa, os nossos amigos José Rodrigues Ferreira e António Marinheiro, a quem agradecemos os cumprimentos de despedida.

—Com pouco mais de dois mêses faleceu o filhinho do nosso conterrâneo Alípio de Matos, que na segunda-feira de tarde foi a sepultar no cemitério da Oliveirinha. Acompanharam-no muitas crianças, que eram portadoras de ramos de flores, seguindo tambem atraz do pequenino féretro uma extensa fila de raparigas solteiras com taboleiros de milho à cabeça e dos quais pendiam toalhas rendilhadas a encobrir-lhes o rosto, como é costume na terra. O milho é destinado ao pagamento dos honorários ao prior da freguesia.

Os nossos pêsames aos pais da inditosa criancinha.

C.

Oliveirinha, 1

Com sua esposa e filhos segue, de novo, para o Pará (E. U. do Brasil) o amigo António Gonçalves Maia, que deve embarcar em Leixões no próximo dia 9.

Uma feliz viagem desejamos a todos e bem assim as máximas venturas de que são dignos.

—Chegou a chuva, que faz muito bem aos nabais e às hervas. Quanto a milho houve bastante, assim como feijão. Mas sôbre vinho poder-se-há dizer que subiu no preço e desceu nos toneis. A êste respeito estamos mal êste ano, conhecendo nós lavradores que ficaram reduzidos à expressão mais simples. É que não há memória duma coisa assim, tendo acontecido às uvas o mesmo que à fruta — perdeu-se tudo! E como não há volta a dar-lhe o remédio é conformarmo-nos, aguardando melhores dias.

C.

Esgueira, 1

Nos dias 26, 27 e 28 do mês que ontem acabou, realizaram se aqui as tradicionais festas à Senhora do Rosário, que chamaram elevado número de forasteiros.

O programa foi cumprido à risca. Constou de arraial nocturno abrilhantado pelas Bandas de Eixo e S. João de Loure, cerimónias religiosas, não faltando também as costumadas cavalhadas.

—Na última semana faleceu com 37 anos de idade a sr.a Conceição de Lima Morgado, esposa do nosso presado amigo sr. Manuel Nunes Morgado.

Deixa dois filhinhos.

O funeral constituiu uma grande manifestação de pezar, atentas as belas qualidades da extinta.

Ao desolado viúvo e mais família, os nossos sentidos pêsames.

— Acha-se quàsi concluido o S. Miguel e iniciaram-se as vindimas. Aquêle, escapou; mas estas é que pouco devem dar, como se previa.

Vamos ter um ano de pouco vinho, pelo que é fatal o seu encarecimento.

—Francamente: muito gostávamos de saber o motivo por que a Junta da Freguezia tem fechada, há mais de três mêses; a Alameda 31 de Janeiro, o que causa espanto a toda a gente.

Será por aquêle recinto parecer já um autêntico matagal e haver receio de alguém se perder por lá?!

C.

Aos proprietários das marinhas e marnôtos da Ria de Aveiro

Com êste título apareceu na semana passada um comunicado que por a Nova Parceria de Sal, Lt.a com séde no Pôrto, não ter autorisado, deve ser considerado nulo, sem efeito.

Este pedido de publicação é-nos enviado pelo gerente da mesma firma, sr. Jacinto José Rebelo de Lima, com data de 2 do corrente mês de Outubro.

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,41 (tram.)	7,56 (tram.) Fig.
5,27 (correio)	9,41 (rápido)[2]
7,15 (tram.)	10,59 (correio)
10,22 (»)	13,23 (tram.) Fig.
12,56 (rápido)	14,03 (sud)
13,43 (tram.)	16,19 (tram.)
16,58 (»)	19,29 (rápido)
17,55 (sud)	21,51 (tram.)
18,30 (correio)	0,31 (correio)
21,09 (tram.)	Do Porto chegam tram. às 19,05 e às 20,39, que não seguem.
22,28 (rápido)[1]	

1 Só ás 3.as, 5.as e sábados.
2 Só às 2.as, 4.as e 6.as.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,57	8,38
13,45	10,15
17,00	18,21
19,09	22,54

Organização Nacional "Defesa da Família"

"Nas famílias onde a sífilis vive na sombra, a morte está prestes a ferir vítimas inocentes; naquelas onde a sífilis é conhecida e combatida, as mãis não têm a temer e os seus filhos serão salvos."

DR. SPILLMAN